



Para o varal de camisetas de José Luiz Datena em seu programa...

* da coluna Controle Remoto, de Patrícia Kogut

Para as participações especiais em 'Toma lá, dá cá' que são um luxo...

10

70 HORAS DE GRAVAÇÃO

Diretor de 'Em Cuba', do Canal Brasil, fala sobre sua viagem ao país de Fidel

Plantão | Publicada em 02/09/2007 às 10h28m

Lilian Fernandes - O Globo



RIO - O Grande Irmão, encarnado nas figuras de policiais e de gente comum, alinhada com a política de Fidel Castro, vigiou Felipe Lacerda durante os dois meses que ele passou em Cuba, em 1999. O que não impediu o diretor (mais tarde, co-responsável pelo documentário "Ônibus 174") de trazer na bagagem um retrato eloqüente do país. Nesta entrevista, ele fala das mais de 70 horas de gravações que fez (e cuja melhor parte só agora chega ao público, através da série "Em Cuba", que vem sendo exibida pelo Canal Brasil às terças-feiras, às 21h) e de seus próximos projetos. Esta semana vai ao ar o quarto documentário da série, que vem chamando a atenção da crítica.

[Assista aqui a trecho do quarto programa "Em Cuba"](#)

[Não perca trecho do programa de número 7](#)

[Assista a trecho do programa 8](#)

[Confira trecho do décimo programa](#)

O GLOBO: Por que fazer uma série sobre Cuba?

FELIPE LACERDA: Cuba é parecida com o Brasil. O povo cubano tem a mesma altura, peso e cara do povo brasileiro, a mesma mistura de cores. E, queiramos ou não, a história deles interferiu na nossa: uma das justificativas para o golpe militar de 64 era evitar que o Brasil se transformasse numa nova Cuba. Mas não planejei nada. Só queria ter minha própria experiência no

país, sem filtros de nenhuma espécie. Primeiro, fui ao Festival de Havana. Depois, me chamaram para ser orientador de tese na Escola de Cinema e de Televisão de Santo Antonio de Los Baños, no interior. Levei uma câmera, sem compromisso, a coisa foi ficando interessante, e voltei com 70 horas gravadas. Ao todo, passei dois meses lá. Agora, surgiu a oportunidade de lançar a série, mas este é um nome de ocasião. Na verdade, são dez documentários independentes.

O GLOBO: Como foi a sua experiência no país?

LACERDA: Tudo era interessante. Num dia de descanso na praia, acabei filmando com um homem que tinha ido de balsa para Miami, ganhou uma grana e voltou. Eu tinha facilidade para circular, porque a universidade me deu um dos cinco carros disponíveis, um Lada 78 último tipo, com quatro pneus carecas e só um farol funcionando (risos). Uma vez, o carro me deixou na mão e tive que pedir ajuda a um motorista que morava dentro da escola e dirigia um Lada 55. Foi uma cena bizarra, passear com ele à noite pelos campos de toranja, ao lado de uma base aérea cheia de aviões russos e ouvindo um CD pirata do Manu Chao. A polícia me parou umas 25 vezes por causa do carro e outras 17 vezes para saber o que eu fazia em Cuba. Fui duas vezes para a delegacia, numa delas, delatado por uma integrante de um CDR (Comitê de Defesa da Revolução), a polícia comunitária. Tive uma namorada que era obrigada a participar de manifestações e reclamava por estar perdendo aulas. Vi coisas como o início das manifestações pela volta do menino Elián (resgatado do mar depois que sua mãe morreu, durante uma tentativa de fuga para os Estados Unidos), diante do consulado americano. Uma coisa que detectei foi a dupla moral: a pessoa quer dizer uma coisa, mas diz outra, porque pode estar sendo vigiada.

A que conclusões você chegou?

LACERDA: Minha visão não é a de quem está contra nem a favor de nada, é uma visão pessoal. Cuba é um país complexo; o povo é cheio de mistérios. As pessoas quase não têm acesso à internet, só podem ter telefone se o governo autorizar, mas, ao mesmo tempo, o lixeiro conhece Tolstói. De 1959 (quando Fidel assumiu o poder) para cá, houve perdas, mas muitas conquistas também. Há escola para todos, médicos.

Quais os seus próximos projetos?

LACERDA: Talvez eu monte um longa sobre Cuba. E faça um livro com as oito horas de entrevistas com pessoas importantes que ficaram fora da série. Acabei de filmar "Política", documentário que seria sobre a seca na Amazônia e, depois que eu me hospedei por acaso na casa de um vereador, virou um filme sobre as ingerências políticas na região. Agora, estou indo para a Documenta, na Alemanha, e para o Festival de Veneza. Depois, vou para o Oriente. Quem sabe não volto de lá com um documentário.

Cuba é parecida com o Brasil. O povo cubano tem a mesma altura, peso e cara do povo brasileiro, a mesma mistura de cores. E, queiramos ou não, a história deles interferiu na nossa

© 1996 - 2007 Todos os direitos reservados a Infoglobo S/A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem prévia autorização.
